

A IDENTIDADE DE FREUD

Dulce Campos¹

Ao tratar da identidade, sentimento que faz o sujeito dizer-se identificado *a*, identificado *com*, experiência de um *devoir* em busca de si mesmo, damos-nos conta da existência de um movimento que se desenvolve à revelia do pensamento lógico e racional. Nesse sentido Freud fala apenas uma vez em toda a sua obra ao referir-se à própria identidade na homenagem que lhe presta a B'nai B'rith de Londres no seu 70.º aniversário em 1926 (FREUD, 1941/1996). A identidade é o resultado de um longo processo de identificações em que o sujeito assimila, total ou parcialmente, à maneira de uma incorporação oral, propriedades e atributos de um outro (FREUD, 1914/1996). Trata-se de processo inconsciente diferente de imitação.

Levantando dados sobre ocorrências ao longo da vida de Freud, ousaremos focalizar nas suas memórias, fatos, pensamentos, sugestões que revelam a origem da sua forma peculiar de ser e de existir para entender o posicionamento de historiadores que procuram marcá-lo por influências culturais. Procuraremos nos ater às suas palavras, tomando-as ao pé da letra com o intuito de manter a fidedignidade do que ele deseja comunicar.

Vários autores têm procurado escutar Freud, atribuindo à cultura judaica sua forma de proceder como cientista e pesquisador. Não nos parece que tenha sido a cultura judaica o determinante da construção da psicanálise. Marcado por uma multicultura, buscou nos gregos, em Édipo, os escopos para a teoria do inconsciente; nos mitos e nas ciências dos sonhos, vias régias de abordagem do real; procurou explicar o nascimento da sociedade contestando as teses vigentes da antropologia, da sociologia, da teologia e da religião fora do âmbito da antropologia, da sociologia e da teologia.

Ao afirmar palavra e linguagem – matéria-prima do trabalho analítico –, lança mão da literatura (Shakespeare, Goethe, os trágicos gregos, Dostoiewsky) e das artes plásticas (Leonardo da Vinci, Michelangelo). Utilizou-se do alemão como língua materna, tendo

¹ Membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: dulce.campos@globo.com.

sofrido resistência dos franceses mais pela influência da cultura germânica que por ser judeu como havia acontecido com Einstein. Várias vezes lastimou não dominar o hebraico, considerando uma falha na sua cultura, ficando impossibilitado de ler a dedicatória do seu pai na Bíblia que lhe foi presenteada, conforme carta a A. A. Roback de 20 de fevereiro de 1930 (FREUD, 1960, p. 395).

A sede pulsional em psicanálise que se situa entre o somático e o psíquico é interpretada por Fuks (2000) como a marca judaica no corpo e na linguagem de Freud: a circuncisão após sete dias do seu nascimento e a dedicatória na Bíblia da família, presente recebido do pai no 35.º aniversário, revelam o desejo do pai na constituição do filho:

[...] Filho que me é querido, Shelomoh. No sétimo dia dos anos de tua vida, o Espírito do Senhor começou a te animar e falou em ti: 'Vai. Vê meu livro que eu escrevi e nele irromperão para ti as fontes da compreensão, do conhecimento e da sabedoria. Vê, é o Livro dos livros do qual sábios escavaram e legisladores aprenderam conhecimento e julgamento. Uma visão do Todo-Poderoso tiveste, ouviste e te esforçaste para fazê-lo, e te elevaste nas asas do Espírito.' Desde então o Livro tem sido guardado como um fragmento das tábuas em uma arca comigo. Para o dia em que seus anos chegaram a cinco mais trinta, pus nela uma capa de pele nova e chamei-o: 'Brotá, ó poço! Entoai-lhe cânticos.' E o deí a ti como comemoração e lembrança de amor de teu pai que te ama com perene amor. Jakob filho de R. Shelomon Freid (sic!). (YERUSHALMI, 1992, p. 164).

A palavra escrita transmite o desejo do pai revelando-se como identificação no discurso pronunciado pelo filho na B'nai B'rith pela voz do médico e amigo Ludwig Braun:

[...] o que me ligava ao povo judeu não era (envergonho-me de admitir) nem a fé nem o orgulho nacional, [...] Mas restavam muitas outras coisas que tornavam a atração do mundo judeu e dos judeus irresistível – muitas forças emocionais obscuras que eram mais poderosas quanto menos pudessem ser expressas em palavras, bem como uma nítida consciência de identidade interna, reserva segura de uma construção mental comum. E além disso havia uma percepção de que era somente à minha natureza judaica que eu devia duas características que se tornaram indispensáveis no curso da minha vida. Por ser judeu encontrei-me livre de preconceitos que restringiam outros no uso de seu intelecto e como Judeu estava preparado para aliar-me à Oposição e passar sem consenso à 'maioria compacta'. (FREUD, 1941/1996, p. 265).

Freud figurou no Index da Igreja Católica em consequência do seu ateísmo; rotulado pelo moralismo da época como pansexualista, resistiu à pressão de Jung, mantendo-se fiel a um dos postulados fundamentais da psicanálise: a etiologia sexual das neuroses. Em *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927/1996) reafirma seu ceticismo religioso, colocando no futuro da ciência a esperança de solução dos conflitos humanos. A referência a um sentimento

“Oceânico” representa um transcender do puro materialismo de que era acusado em consequência do seu ateísmo.

No trabalho *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud (1917/1996) procura explicar as feridas narcísicas do homem: a primeira de caráter cosmológico decorrente da afirmação de que a Terra não era o centro do sistema planetário, mas o Sol. Verdadeira revolução copernicana aponta para a indisposição do homem com relação ao novo, suscitando revolta; a segunda, de caráter biológico, diz respeito à origem animal do homem oposição à concepção vigente da origem divina do homem – teoria evolucionista de Darwin; finalmente, um terceiro golpe ao narcisismo infligido pela psicanálise com a teoria do inconsciente, afirmando não ser o homem senhor da própria casa. O cogito cartesiano é esmagado por forças internas cuja origem o homem desconhece. As forças pulsionais se afirmam em detrimento do império da vontade e da razão, provocando no mundo violenta reação de caráter moral, ético, religioso e científico. Freud descreve o que tais descobertas produziram nele ao mergulhar nas profundezas da vida instintiva humana:

[...] alcançara minha primeira compreensão interna (insight) das profundezas da vida dos instintos humanos; eu vira certas coisas que eram tranquilizadoras e mesmo, de início, assustadoras. Por outro lado, a comunicação das minhas descobertas desagradáveis teve como resultado a ruptura da maior parte dos meus contatos humanos; senti-me como se fosse desprezado e universalmente evitado. Em minha solidão fui presa do anseio de encontrar um círculo de homens de escol de caráter elevado que me recebesse com espírito amistoso, apesar da minha temeridade. Vossa sociedade foi-me indicada como o lugar onde tais homens seriam encontrados. Assim foi que me tornei um dos vossos [...] Não houve absolutamente qualquer dúvida em convencer-vos das minhas teorias; mas numa época em que ninguém na Europa me dava ouvidos e ainda não tinha nenhum discípulo nem mesmo em Viena, Vós me concedestes vossa amável atenção. Vós fostes meu primeiro auditório. (FREUD, 1941/1996, p. 264-265).

Reafirmando sua identidade com o povo judeu, nesse mesmo discurso registramos: “O fato de serdes judeus só me poderia ser agradável, pois eu próprio sou judeu e sempre me parecera não somente indigno como positivamente insensato negar esse fato.” (FREUD, 1941/1996, p. 265).

Nesse sentido Freud escreveu ao Dr. Siegfried Fehll: “[...] espero que o senhor não ignore que sempre me mantive fiel ao nosso povo, e nunca pretendi ser senão o que sou: um judeu da Morávia, cujos pais provêm da Galícia austríaca [...]” (FREUD apud GAY, 2004, p. 540-542).

Assim Freud afirma sua cidadania, característica ligada à condição de pessoa, um dos traços formadores do sentimento de identidade – um sentimento que liga as pessoas no tempo

e no espaço, na profissão ou em qualquer outra atividade reveladora de uma pertinência grupal.

Em maio de 1926, após seus 70 anos, ele expressa a Maria Bonaparte: “[...] têm me festejado como um herói nacional, embora meu mérito na causa judaica se restrinja ao único fato de que jamais neguei meu judaísmo.” (FREUD, 1926 apud GAY, 1995, p. 541).

Em consequência do sionismo, levado a opinar sobre o tema, lastima que os judeus estivessem despertando suspeitas nos árabes: “A mim pareceria mais compreensível fundar uma pátria judaica em solo novo historicamente desobstruído.” (FREUD, 1926 apud GAY, 1995, p. 541).

Peter Gay refere-se à identidade judaica de Freud como enfaticamente singular. Considera assustador o abismo intelectual entre ele e os judeus batizados que praticavam a fé dos seus pais. Tão ateu quanto judeu, Freud nos adverte contra o risco do discurso religioso na psicanálise (carta a Pfister, 25.11.1928), propondo um modelo de cientificidade original, ao sugerir as associações livres no trabalho clínico, voltado ao indizível, à inquietante estranheza do homem que vai além da memória (FUKS, 2000, p. 56).

Por ocasião da morte de David Edler, seu colega e amigo, em carta dirigida a Bárbara Low, diz Freud: “[...] éramos judeus e sabíamos que carregávamos essa coisa milagrosa que – até agora, inacessível a qualquer análise – faz o judeu.” (FREUD apud FUKS, 2000, p. 74).

Ao que interpreta Fuks (2000, p. 74) observando o judaísmo de Freud:

É como se fosse possível surpreender em Freud, para além da identidade judaica, uma judeidade infigurável e inominável, que se traduz pela busca permanente de si mesmo!... seu êxodo permanente de uma identidade fixa e imutável, espelhada em qualquer mimética religiosa e política.

Até podemos concluir, com base nessa afirmação, que tal característica, avessa ao “fixo e imutável”, não se refere exclusivamente a uma herança recebida por Freud do povo judeu. Nem o seria de uma raça específica. Diz respeito à sua vocação como homem de ciência que não obedece aos limites do pensamento dominante – as ciências do século XIX, notadamente a psicologia e a psiquiatria. Mas um conhecimento que procede de outro registro e se constrói por uma metodologia compatível com seu objeto de trabalho – o inconsciente e a sexualidade.

Como observa Peter Gay, a judeidade de Freud é absolutamente singular. As identificações formadoras da identidade são seletivas, parciais e não se produzem

maciçamente (CAMPOS, 1974). Essa seletividade sempre se faz em função do desejo que é sempre o desejo do Outro.

Opondo-se à valorização da racionalidade, da coerência e da identidade como formas de verdade, a psicanálise se oferece como método de escuta do incoerente, do não idêntico e do deformado, sempre obediente à lógica do Outro (FUKS, 2000).

Resultante de um processo de identificações sucessivas, processo inconsciente que tem início nas primeiras relações interpessoais, inferimos quanto, depois das palavras de seu pai, Jakob, “homem bem vestido, portando um gorro de pelo novo, num dia de sábado”, depois de se haver resignado e obedecido a um pequeno ofensor cristão, que grita, “Judeu, desça da calçada!”, produziu-se em Freud uma identificação com Aníbal.

Podemos ler nessa fantasia identificadora a expressão do desejo de vingar as humilhações do pai e solapar o cristianismo, substituindo o papado de Roma por um “papado internacional da Razão” (FUKS, 2000, p. 154,156). Sua identificação com o pai nesse episódio reforça sua aliança com o judaísmo. Tais identificações se sucederam, caminhando em direção ao povo estigmatizado pelo antissemitismo.

Karl Abraham chama nossa atenção para a homologia estrutural entre a interpretação talmúdica e a interpretação psicanalítica, vendo nisso um sinal de identificação de Freud com os judeus, na forma como desenvolve seus estudos. Em uma carta que lhe enviou, diz: “Fui cativado, de modo singular, por um pequeno parágrafo de os ‘Chistes e sua relação com o Inconsciente’, ao considerá-lo mais detalhadamente [...] por sua técnica e em toda a sua composição, completamente talmúdico.” (FREUD apud FUKS, 2000, p. 120).

Não cremos que as incursões da psicanálise sejam derivadas das formas de pensar sobre o talmude. Longe de estabelecer essa ligação de caráter identificatório de Freud com a metodologia do talmude, como afirmam Fuks e Abraham, o fato de a interpretação psicanalítica não se propor a fazer sínteses para o paciente e de se abrir à multiplicidade de sentidos, não significa que seja herança judaica advinda do manejo do talmude. A metodologia utilizada na descoberta da psicanálise é decorrência dos seus objetivos, sem apelo a modelos de cunho religioso ou da tradição, mas da proposta de operar com o desejo do homem na via da subjetivação. Por isso as sínteses são da alçada do paciente e das suas escolhas (FUKS, 2000).

Freud sempre reagiu à tradição hermenêutica explicativa e descritiva que reduziam o sujeito a um mero objeto interpretável dentro de um código pré-fixado. Preferiu convocar a palavra mesmo “vindo de fora para dentro” priorizando a escuta do outro, apelar para um

sentido prévio, mas não podemos afirmar que tais orientações sejam uma identificação com o modo de pensar e de ler o talmude. Coincidência não é decorrência. Diferentemente dessa metodologia e dos objetivos de estudo, a psicanálise, na busca do conhecimento, dirige-se às “profundezas” do homem, fazendo-o defrontar-se com a condição de desejanete.

Ler o inconsciente é procurar decifrar a língua do “Estranho”, linguagem do Outro; diz Assoun, é reconhecer a força de uma verdade singular e de uma verdade histórica, é procurar o exílio mais recôndito, onde se escondem as letras para fazê-las de novo navegar em uma narrativa singular de um sujeito sempre em deslocamento (FUKS, 2000, p. 27, 81, 126, 164).

Concordando com Fuks (2000, p. 134), reconhecemos na psicanálise, como no judaísmo e em outras ciências humanas, uma vocação de pensar e viver a história, a de reconhecer a relação do passado como cenas conjugadas uma a outra, o passado convivendo virtualmente com o presente. Virtual, apresenta-se como um conjunto de singularidades que nada designa, nada significa até haver uma atualização significativa que demande interpretação. A reconstituição da história do sujeito na psicanálise não consiste em uma simples coleta de dados historiográficos: o recurso à memória tem como função servir de apoio ao tornar-se sujeito. O tempo psicanalítico é *devenir*, nesse sentido, por sempre remeter a outra história, em uma cadeia análoga à cadeia significativa.

Com relação a esse *devenir*, Fuks (2000, p. 75), comentando os escritos do filósofo Emmanuel Lévinas, afirma: “Diz o filósofo que aquilo que o marca como judeu é a impossibilidade de se dizer sempre o ‘mesmo’.”

Ao que indagamos sem contestá-lo, procurando universalizar a afirmação: não será essa uma contingência do humano em torno do que a clínica psicanalítica se move excluindo a mesmidade? Enfrentar esse dinamismo montado em um passado que sempre se projeta para um amanhã?

Deixando-nos a impressão de que se tornou um judeu nacionalista ou religioso, embora o houvesse expressamente negado no seu discurso na B’nai B’rith, Freud assim se pronuncia quando consultado por Max Graff sobre o batizado do filho para protegê-lo do antissemitismo: “se não deixar seu filho crescer como judeu, vai privá-lo dessas fontes de energia que não podem ser substituídas por nada. Ele terá de combater como um judeu, com toda a energia necessária para esse combate. Não o prive dessa vantagem.” (FREUD apud FUKS, 2000, p. 30).

Não é o espírito judaico que leva Freud a fazer tal recomendação, mas sua crença em uma premissa fundamental relativa à formação do sujeito, que não diz respeito a uma

cidadania, a uma raça ou a uma religião. Na teoria psicanalítica, a “vantagem” é estimular a ação evitando os temores, as negações e denegações, dando prioridade ao reconhecimento da pulsão, na via do desejo passível de ser simbolizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, D. *Identificação e identidade numa perspectiva psicanalítica*. 1974. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

FREUD, S. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 247-259. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13) (Texto originalmente publicado em 1914).

_____. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 144-153 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 22) (Texto originalmente publicado em 1917).

_____. *Discurso perante a sociedade dos B'nai B'rith* [1941 [1926]. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 263-265. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20) (Texto originalmente publicado em 1926).

_____. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 21) (Texto originalmente publicado em 1927)

_____. Letter to A. A. Roback, February 20, 1930. In: _____. *The letters of Sigmund Freud*. Selected and edited by E. L. Freud. New York: Basic Books, 1960.

FUKS, B. B. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

YERUSHALMI, Y. H. *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.